O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

SANDRA REGIANE SALVADOR DE CARVALHO

Resumo

O seguinte trabalho tem como objetivo fomentar a utilização do currículo dentro da primeira infância. O currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições. Pensar em currículo para a Educação Infantil é pensar sobre a identidade dessas crianças, como elas aprendem, e como se desenvolvem assim como as necessidades e interesses desses pequeninos. Além disso, a construção do currículo deve passar pela questão que norteia as escolhas vinculadas à proposta Pedagógica. Considerando a importância da produção dos saberes na escola e os problemas que interferem neste processo, apresenta-se, baseando-se em diversos autores e, principalmente, no Currículo da Cidade, algumas concepções sobre currículo. Segundo Sacristán, 1989, (apud LIBÂNEO, 2004, p. 170), diz que o currículo é a ligação entre a cultura e a sociedade exterior à escola e à educação; entre o conhecimento e cultura herdados e a aprendizagem dos alunos; entre a teoria (ideias, suposições e aspirações) e a prática possível, dadas determinadas condições.

Palavras-chave: Currículo, Primeira Infância, Educação Infantil, Identidade.

Abstract

The following work aims to promote the use of the curriculum within early childhood. The curriculum seeks to articulate the experiences and knowledge of children with the knowledge that is part of the cultural, artistic, scientific and technological heritage of society through planned and permanently evaluated practices that structure the daily life of institutions. Thinking about curriculum for Early Childhood Education is thinking about the identity of these children, how they learn and how they develop, as well as the needs and interests of these little ones. In addition, the construction of the curriculum must go through the question that guides the choices linked to the Pedagogical proposal. Considering the importance of knowledge production at school and the problems that interfere in this process, it presents, based on several authors and, mainly, on the Curriculum of the City, some conceptions about curriculum. According to Sacristán, 1989, (apud LIBÂNEO, 2004, p. 170), says that the curriculum is the link between culture and society outside the school and education; between inherited knowledge and culture and student learning; between theory (ideas, assumptions and aspirations) and possible practice, given certain conditions.

Keywords: Curriculum, Early Childhood, Early Childhood Education, Identity.

Introdução

"Os hábitos que formamos desde a infância não fazem pouca diferença - na verdade, fazem toda a diferença." (Aristóteles).

Este trabalho tem por objetivo compreender o conceito de infância, bem como discorrer sobre a Educação Infantil e o papel do currículo na escola e no processo de ensino-aprendizagem. A partir deste pensamento, o artigo traz a seguinte questão: a criança contemporânea é moldável? De qual maneira podemos construir um currículo que fale com o território infantil e seu entorno? Quem realmente é o protagonista da escola?

Como hipótese, vemos que a criança é vista como moldável e adaptável; ela é um sujeito sócio-histórico dotado de peculiaridades e o seu contato com o meio faz com que se desenvolva em termos de aprendizagem. Conforme afirma Piaget, a construção de conhecimentos se dá através da interação do indivíduo com o meio. Com essa visão, é preciso observar, registrar e saber escutar a voz ativa da criança, para que através de seus relatos e experiências, o professor possa construir um currículo moldável e adaptável para todos os envolvidos. A Pedagogia da Escuta é uma abordagem acolhedora e enriquecedora para propor uma prática educativa interessante, cujo papel do professor é agir por meio do amor e do respeito, possibilitando a criança se expressar livremente na sala de aula. Escutar, nesse sentido, é dar vez e voz aos alunos que se encontram no processo de ensino-aprendizagem, caracterizando assim, uma escuta sensível.

Esse tipo de escuta acontece entre a criança que fala e o adulto que ouve, possibilitando uma maior aproximação entre eles. Também propicia o desenvolvimento integral do sujeito através de uma relação recíproca, isto é, o reconhecimento do outro a partir de si mesmo. Conforme as autoras Cerqueira e Souza (2011, p. 17): "O escutar pode ser definido como a sensibilidade de estar atento

ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções. O conceito encontra-se relacionado ao ouvir com atenção, o que infelizmente está um pouco distanciado da prática que é exercida na atualidade."

Verificamos que, até o século XVI, a criança era considerada um miniadulto e era abandonada pela sociedade e pela família. Ela não pertencia a nenhum grupo social, não tinha acesso à saúde e nem à disciplina. De acordo com Ariès, com o passar do tempo, surge um sentimento pela infância, denominado "paparicação". Esse sentimento advém do fato de a criança ser vista como ingênua, gentil e graciosa, passando a ser uma distração para os adultos.

Ainda, segundo o autor, outro sentimento de infância foi o de compreender a sua mente, a fim de melhorar os métodos de educação. Esse sentimento surge a partir do século XVII e inspira toda a educação do século XX.

Na Contemporaneidade, a concepção de infância passa por uma ação pedagógica que considera a criança como um ser social. Nesse processo, a criança passa a ser vista como um indivíduo que tem necessidades como um sujeito histórico e de direitos, ou seja, ela passa a ser vista como um ser total, completo e indivisível. O educar consiste em dialogar com o conhecimento de mundo trazido pelas crianças. Esse conhecimento a criança traz de casa e cabe ao educador conhecer e considerar as singularidades infantis, levando em consideração a faixa etária, a diversidade de hábitos, os costumes, os valores, as crenças, as etnias, entre outros aspectos.

- Concepção de Primeira Infância

Sendo um período em que o indivíduo começa a sentir, a pensar, a agir e a se relacionar, a infância é a fase da vida quando iniciam os aprendizados e as descobertas, que se inicia na gestação até os seis anos de idade, conforme registrado no Marco Legal da Primeira Infância, lei de 2016 que garante os direitos relacionados a essa etapa da vida. Essa fase também pode ser subdividida em duas partes: a primeira primeiríssima infância, que vai da gestação aos três anos de idade, e o período que se estende entre os 4 e 6 anos. Durante toda a Primeira Infância, o desenvolvimento é muito acelerado, mas há diferenças significativas entre as duas fases. Os três primeiros anos de vida (incluindo a vida intrauterina) são determinantes para o desenvolvimento emocional e cognitivo de uma pessoa. O cérebro das crianças passa por uma intensa fase de amadurecimento entre a gestação e os 2 anos, o que determina uma grande capacidade de absorção do ambiente. É preciso muito cuidado com os estímulos nessa fase (especialmente traumas e situações negativas). As sinapses (comunicação entre os neurônios) se desenvolvem por meio das interações que estimulam os sentidos, como o tato, a audição e a visão. Isso possibilita à criança se perceber no mundo e também perceber o outro. É possível interagir com ele ainda na barriga da mãe, estabelecendo laços afetivos e ajudando a desenvolver a memória. Ele é capaz de ouvir e interagir com o ambiente externo à barriga da mãe já na 25ª semana de gestação. No período posterior, que vai dos 4 aos 6 anos, por outro lado, a criança possui maior autonomia. Isso quer dizer que, além de conseguir se expressar, consegue desenvolver diversas atividades sozinha, como brincadeiras relacionadas às práticas esportivas. Nessa fase, a cognição (ou seja, a busca de conhecimento sobre o mundo) já é mais complexa. Por exemplo, a partir dos 5 anos, a criança já pode ser estimulada a seguir rotinas. Vários pensadores buscam entender o significado de infância. Nesse sentido, surgiram várias concepções de infância.

Ghiraldelli Jr. (2001) cita duas concepções de infância: na primeira, a criança é caracterizada como um indivíduo inocente. Enquanto, na segunda, a criança é vista como um indivíduo que abrange uma série de particularidades, mas nunca a inocência e a bondade como características essenciais. Até o século XVI, a criança era considerada um miniadulto e, abandonada pela sociedade e pela família, não pertencia a nenhum grupo social, não tinha acesso à saúde e nem à disciplina. Ela era vista como substituível, como ser produtivo que tinha uma função utilitária para a sociedade, pois a partir dos sete anos de idade era inserida na vida adulta e se tornava útil na economia familiar.

Realizando tarefas, imitando seus pais e suas mães, os acompanhava em seus ofícios, cumprindo, assim, seu papel perante a coletividade. A duração da infância era reduzida no período mais frágil, e não podia cuidar de si sozinha.

Com o tempo, isso foi mudando e surge, então, uma preocupação com a formação moral das crianças e com sua transformação em homem racional. Essa perspectiva aparece com o surgimento, nos homens da lei e eclesiásticos, com uma sensibilidade, com a disciplina e preservação moral da criança. A partir daí tudo mudou no lar. A família tornou-se o lugar de uma relação de afeto necessária entre os cônjuges e os filhos, algo que ela não era antes. Os pais passaram a se interessar pelos estudos de seus filhos e a família começou então a se organizar em torno da criança, e muitos autores afirmam que nessa época ela começa a sair do anonimato.

A criança passa a ser focalizada de um

lado pela própria família, considerando-a engraçadinha, possuidora de comportamentos interessantes e, por outro, externo ao meio familiar e voltado para a importância da infância enquanto época da vida merecedora de orientação e educação. O mais importante dessa época foi a verdadeira descoberta da "infância", suscitaram interesses que culminaram em mais estudos e mais conhecimentos. Toda a evolução de nossos costumes, contemporâneos, torna-se incompreensível se desprezarmos esse crescimento no sentimento da família.

Há uma relação estreita entre cuidado, atenção e aprendizagem durantes os primeiros anos de vida. Assim, a Educação é parte do conjunto de iniciativas que devem amparar a criança na Primeira Infância. É parte porque toda atividade para essa faixa etária deve ser planejada em envolver diferentes áreas, como a saúde, a Educação, a assistência social, a cultura, entre outros. Todas devem estar bem entrelaçadas, para que o olhar sobre a criança seja global e ela se desenvolva plenamente. Através de todo esse desenvolvimento, a introdução da criança na educação infantil, foi fundamental para a qualidade de vida de todos os pequenos, atividades adequadas nessa idade impactam totalmente no desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional das crianças, o que são aspectos fundamentais para a aprendizagem na escola.

1.1 - Concepção de Educação Infantil, uma interligação com a primeira infância.

A Educação Infantil é o primeiro contato da criança com a experiência escolar em conjunto com a importante fase da vida entre 0 e 5 anos de idade. Portanto, ela propicia o desenvolvimento integral do indivíduo em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social. Diante disso, é fundamental entender a importância desse período escolar no crescimento e desenvolvimento da criança e como a escola pode contribuir para o avanço cognitivo do aluno. Conforme o Currículo da Cidade, a educação é um bem público e um valor comum a ser compartilhado por todos. Ela possibilita constituir uma vida comum nos territórios. É um direito de todos, tendo importante papel na constituição subjetiva de cada sujeito e possibilitando a participação nos grupos sociais. É pela educação que uma sociedade assegura a coesão e a equidade social, a solidariedade e, num movimento complementar, o desenvolvimento pessoal de todos e de cada um.

Para um bebê ou uma criança, ingressar numa escola de Educação Infantil significa aprender a conviver na esfera pública, reunir-se com outras crianças e adultos, participar de distintos universos materiais e simbólicos, compartilhar diversidades e constituir perspectivas comuns a partir de pontos de vista singulares. Como vimos, a educação é um processo social que ocorre na partilha da vida comum. A cultura, a ciência e a tecnologia nasceram nos processos de qualificação da vida dos diferentes grupos sociais, pois esses grupos queriam garantir a sua sobrevivência. Pensamentos e convicções, ferramentas e instrumentos foram produzidos ao longo de milênios de existência humana para possibilitar — ou facilitar — o bem-estar, a constituição de valores comuns que tecem a solidariedade e a coesão social, para alimentar a imaginação e conferir sentido à vida. Portanto, a educação é um bem público, e ter acesso à escola pública e laica é um direito de todos os bebês e crianças brasileiras e um dever do Estado. A escola, como segunda instituição a fazer parte da vida das crianças, e, por vezes, faz o papel de família. De acordo com o Art. 227, da Constituição Federal do Brasil:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com a absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar comunitária (Brasil, 1988).

Desse modo, em acordo com a Constituição Brasileira (1988), a Educação Infantil passa a ser um dever do Estado e um direito da criança. Nesse sentido, a concepção de infância passa por uma ação pedagógica que considera a criança como um ser social. Nesse processo, a criança torna-se um indivíduo com necessidades como um sujeito histórico, ou seja, a criança não é mais vista como um ser passivo.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

De acordo com Souza (2009), a família e a escola devem manter uma boa relação, pois ambas precisam estar presentes no trabalho educativo. Trata-se de uma ação conjunta, orientando e discutindo sobre variados assuntos que se definem por meio de ações, que podem proporcionar o bom desenvolvimento e o bom desempenho social e escolar da criança.

A concepção de infância tem se constituído um tema bastante discutido, sendo abordado, inicialmente, segundo (OLIVEIRA, 2002), através das ideias de autores como Comênio, Rousseau, Pestalozzi, dentre ou-

tros que já difundiam um ensino centrado na criança. Entretanto, atualmente, mesmo diante dessa vasta discussão que se desenvolve a partir do século XVIII, a temática ainda se apresenta como um tema complexo que exige, ao longo do tempo, ressignificações através da colaboração de várias abordagens, como: o campo orgânico, psicológico, antropológico, social e educacional que atualmente definem a criança numa perspectiva integral. Além disso, para o desenvolvimento dessa concepção, em que o desenvolvimento da criança é visto em sua totalidade, portanto, a criança é tratada como sujeito de direitos, implica em discutir e repensar garantias políticas aptas a desenvolver uma ação integrada entre diferentes setores sociais. Logo, as atividades para Educação Infantil de acordo com a BNCC, trabalham, de forma lúdica, as motricidades fina e ampla, a percepção e a capacidade de foco e concentração, bem como proporciona a ampliação das interações sociais, das capacidades linguísticas e do senso moral, além de outras características importantes, como a autoestima.

Ainda com base no Currículo da Cidade, recriar a escola de Educação Infantil é superar compreensões assistenciais, compensatórias e antecipatórias, que priorizam a guarda, a proteção e a moralização dos bebês e das crianças, assim como limitar-se à compreensão de que a Educação Infantil é um importante recurso para garantir as aprendizagens necessárias para o sucesso da criança na escola. A escola, tem como objetivo principal oferecer às novas gerações oportunidades para encontrar pessoas e conhecimentos que lhes possibilitem experiências, que provoquem e gerem acontecimentos, intercâmbios, conseguindo constituir modos de ser e de participar da vida social. Ao interagir nas brincadeiras, explorações e investigações, os bebês e crianças vivenciam experiências e aprendem as estratégias de convivência que foram constituídas historicamente nas diferentes culturas, interagindo com os distintos saberes e os conhecimentos.

De acordo com Moss (2009), as escolas de educação infantil são lugares de encontro, espaços da esfera pública onde as pessoas (bebês, crianças e adultos) constroem suas histórias pessoais e coletivas. Trata-se de um lugar para estar, viver, aprender, (re)conhecer, (re)ver e (re)pensar o mundo e a vida a partir das experiências estabelecidas. A escola é um lugar onde se aprende a conduzir a existência, tendo em vista o interesse comum, e não apenas os desejos e interesses individuais. Na Educação Infantil, os espaços possibilitam o exercício da ação coletiva e da autonomia dos bebês e das crianças nas suas investigações, isto é, na sua descoberta de si e dos outros e no conhecimento do mundo. Estar nesse espaço educativo possibilita aos bebês e às crianças criar uma voz própria, com autoria e protagonismo. É um tempo para identificar os seus sentimentos e desejos, construir um estilo pessoal frente ao mundo, aprender a compreender as pessoas e a diversidade de seus modos de ser e estar, fazer escolhas desenvolvendo significados pessoais e significações sociais (São Paulo, 2019). Dessa forma, a Educação Infantil não é apenas uma solução para os pais que trabalham e não conseguem cuidar dos filhos em algum período do dia, afinal, trata-se, na Educação Infantil no Brasil, de um importante meio de desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, aprimorando suas habilidades cognitivas, sociais e motoras.

- O currículo da Educação Infantil

Pensar em um currículo para a educação infantil, é pensar em um currículo que integre os bebês e as crianças numa escola comprometida pela integralidade, exigindo estudo e compreensão da vida das crianças, das suas condições de existência, dos territórios que habitam e dos desafios para oferecer uma infância plena na escola. As práticas educativas precisam ser integradas, tendo como princípio compreender o compromisso com as práticas integradas de formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI (BRASIL, 2010a) e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017). Assim, os bebês e as crianças são o centro dos processos educativos, problematizando o currículo e contemplando a ampliação e a qualificação de tempos, espaços, interações, intencionalidade docente e materialidades. Desse modo, os princípios das pedagogias participativas e o trabalho pedagógico com projetos propiciam um currículo vivo, que se estabelece a partir de linhas definidas por concepção de infância, aprendizagem e conhecimentos e se consolida no dia a dia educacional, nas relações de afeto e de aprendizagem.

Libâneo (2001) enfatiza que o termo "currículo" possui vários significados: em sentido restrito, pode representar "o ato de correr", ou um conjunto de disciplinas da grade curricular de uma escola. Em sentido mais ampliado "[...] no início do século XX, identificando quase sempre o conjunto de saberes e\ou experiências que alunos precisam adquirir e\ou vivenciar em função de sua formação" (LIBÂNEO, 2001, p.97). Neste sentido, quando se constrói o currículo, principalmente para a educação infantil é preciso pensar na criança, como um sujeito social e histórico que se desenvolve através da interação com o outro, "pois é a criança a origem e o centro de toda atividade escolar". (Teixeira apud Moreira, 2000, p. 53). Compreendendo as instituições de Educação Infantil como espaços

não só de cuidado, mas também de educação dos bebês e das crianças, o currículo deve ser pensado em seu desenvolvimento nos diferentes aspectos, físicos, morais e intelectuais. Kramer, também enfatiza que o currículo na educação infantil solicita: Do ponto de vista, não é possível educar sem cuidar [...] Há atividades que uma criança pequena não faz sozinha [...]. Ou seja, há atividades de cuidado que são específicas da educação infantil, contudo, no processo de educação, em qualquer nível de ensino, cuidamos sempre do outro. Ou deveríamos cuidar! [...] já não será hora de assumir o educar, entendendo que abrange as duas dimensões (KRAMER, 2003, P.76)

Considerações Finais

A partir de todo esse estudo e conhecimento adquirido com a prática, podemos concluir que o currículo é um processo importante, que envolve um propósito, um processo e um contexto, pois, o currículo busca articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico e tecnológico da sociedade por meio de práticas planejadas e permanentemente avaliadas que estruturam o cotidiano das instituições (MEC, 2010). Além disso, resulta na confluência de diversas práticas, exercidas por diferentes sujeitos, em diferentes momentos. É por isso um conceito complexo, dinâmico e multifacetado. (Pacheco, 1996).

Vimos que a primeira infância é a base da estrutura comportamental e educacional de uma criança, parte fundamental de toda sua aprendizagem e conhecimento para sua vida. A criança antes vista pela sociedade como um ser sem valores, e que com o tempo e mudanças na cultura da sociedade, passou a ser vista como ator social, que participa da construção de sua vida individual e coletiva na sociedade, tendo voz, e que devem ser ouvidas. O currículo na educação infantil deve seguir com esse pensamento e contexto, ser planejado através da escuta da criança, como protagonista, colocando o professor como mediador em uma visão ampla aos seus alunos, observando e registrando cada detalhe, fazendo com que todos sejam alcançados no propósito escolar. O escutar pode ser definido como a sensibilidade de estar atento ao que é dito, ao que é expresso através de gestos e palavras, ações e emoções, relacionado ao ouvir com atenção.

Referências

ANDRADE, Lucimary Bernabé Pedrosa de. Educação Infantil: discurso, legislação e práticas Institucionais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

ARIÈS, Philippe. A história social da criança e da família. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ARROYO, Miguel González. A construção social da infância. In: _____. Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos. Belo Horizonte: Cape, 1994, p. 11-17.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, 1996.

_____. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2017.

Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: SME/COPED, 2019.

DAMAZIO, Reinaldo Luiz. O que é criança. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. As concepções de infância e as teorias educacionais modernas e contemporâneas. Revista Educação, v. 26, nº 2, 2001. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3680/2078 . Acesso em: 26/12/2022.

KRAMER, Sonia. Pesquisando infância e educação: um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. (Orgs.). Infância: Fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papirus, 1996. P. 13- 38.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. Goiânia: Editora Alternativa, 2001.184 p.

NUNES, Neves Nadir. O ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética. In:

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de (Org.). A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000, 105 - 129.

PEREIRA, Graciele Perciliana de Carvalho; DEON, Vanessa Aparecida. As concepções de infância e o papel da família e da escola no processo de ensino-aprendizagem. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v.

22, nº 5, 8 de fevereiro de 2022. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/5/as-concepcoes-de-infancia-e-o-papel-da-familia-e-da-escola-no-processo-de-ensino-aprendizagem . Acesso em: 26/12/2022.

SACRISTÁN, G., J. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.